

EDGAR FLEXA RIBEIRO

Gentes mais vividas, mais céticas e calejadas, viram o presidente da República numa sala de aula com crianças de curso primário sob o ângulo da crítica esperta e atilada: o professor se confundiu, as crianças estavam distraídas pelo alvoroço das câmeras de TV e, afinal, que diabo de circo era aquele, que nunca ninguém vira? Deve ser formidável ser assim, arguto, sagaz, matreiro, atento para ver sempre o que se esconde atrás do fato, nunca se deixando levar pelas aparências — que enganam, como se sabe.

Tenho por essas pessoas imenso respeito, mas confesso que fiquei nas aparências. Primeiro, por não ser afeito a essas espertezas. Segundo porque, aparência ou não, o que vi é muito mais bonito, eloquente e construtivo do que as interpretações e avaliações oferecidas após o episódio. Terceiro, por preferir tomar o episódio pelo seu valor facial — se a prioridade é o ensino fundamental, com aula boa ou não, quero o presidente envolvido pessoalmente no assunto.

Quarto, porque, catedrático ou não, com ou sem Sorbonne, é muito pedagógico que o presidente da República, neste caso vergado sob o peso de um currículo universitário dos mais brilhantes que se possa desejar, assista na pele a complicação que é dar aula a um grupo de crianças de diferentes idades, em diferentes níveis de adiantamento, todas juntas na mesma sala, e fazer um trabalho bom, como é feito em milhares de

salas como aquela, naquelas condições, com os salários que se conhece. Nem tudo é Sorbonne na vida, e ensinar Weber pode ser mais fácil que ensinar a ler e contar. E também assim que se valoriza o professorado de ensino básico: vendo pessoalmente como é duro e difícil fazer o que ele faz. O presidente Fernando Henrique sentiu isso, e o professor Fernando Henrique aprendeu um pouco, o que é sempre bom.

Pois bem: não ver nisso tudo uma realidade nova com inequívoco valor simbólico é, a meu ver, chegar ao ponto em que a extrema malícia na busca da essência conduz à extrema ingenuidade na compreensão do fato; quando a superficialidade se apresenta disfarçada de profundidade.

Temos um governo que durante a campanha assumiu a educação como prioridade — até aí tudo bem, tudo normal; afinal, a favor da educação somos todos. Depois de empossado — há 40 e poucos dias apenas — teve palavras muito amáveis para com o ensino fundamental. Nada de novo também, pois desde Deodoro da Fonseca todo presidente da República se revela doidinho pelo ensino básico — e olhem onde chegamos!

Passando da palavra ao ato, Fernando Henrique abala-se de Brasília e, sob a responsabilidade funcional de presidente da República e autoridade profissional de professor internacionalmente reconhecido, mete-se numa sala de aula de uma modestíssima escola pública nos cafundós da Bahia. Será que tem alguém achando mesmo que ele foi lá dar aula para aquelas crianças? Será que não viram a aula que foi dada ao país todo?

Ora, escola pública não é mania,

ou causa que um país possa abraçar ou não. Não há escolha, no caso: a educação é natural no ser humano, e a escola pública é natural no Estado moderno. O ser humano não conhece a alternativa do não se educar; ele será bem ou mal-educado, mas se educará na rua ou na escola. Por isso, o Estado moderno não pode deixar de providenciar escola para suas crianças: sem ela acaba por se esboçar a Nação que dá origem à existência do próprio Estado, sua organização política.

Pieguice coisa nenhuma. Está na hora de retermos o "Coração", de Edmundo de Amicis, e ver no pequeno vigia lombardo, no tamborzinho sardo e nos outros contos a importância da escola pública fundamental e de seu professor na Itália que se fazia nação unida. Depois, marchar até Alphonse Daudet e vê-lo descrever a última aula de francês numa escola pública alsaciana, na véspera do dia em que a Alsácia passaria a ser alemã, extraída da França pela força das armas na guerra franco-prussiana de 1870. Se não bastar, que se reveja o James Stewart, em "O homem que matou o facinora", fazendo escola acontecer para construir um país. E então se verá a força da escola pública, e sua importância vital na construção da nacionalidade, da cidadania e da solidariedade, entre outros valores cívicos cuja falta é hoje apontada por todos nas esquinas.

Pode-se concordar que o gesto do presidente da República não mereceu de sua assessoria o tratamento adequado para que dele se pudesse extrair a lição toda. Mas isso não o invalida, nem o faz menor. Há quem pense que, independentemente de es-

tar diante de crianças, o presidente está sempre falando ao país (vi Juscelino, já há anos afastado do poder, numa sala de aula de 4ª série do Primeiro Grau: falou como se estivesse diante da Nação, e depois conversou com as crianças. Elas podem não ter entendido tudo, mas a experiência teve em si enorme valor educativo. JK adorou!). Mas isso não desmerece a postura de um professor-presidente, que mostra o nível de seu envolvimento pessoal numa tarefa a cuja grandeza parecemos nos ter desabiituado.

A reação da imprensa, o tipo de preocupação que o assunto provocou, a "suíte" reservada à notícia, tudo faz parecer que neste país insensível e blasé que temos sido, entende-se melhor e com mais naturalidade um presidente no Sambódromo ao lado da modelo sem calcinhas do que um presidente numa escola primária na frente de crianças, com adultos fazendo algazarra do lado de fora.

Não desista, presidente. Volte, vá de novo a uma escola primária, vá a outras, de Segundo Grau. Leve o ministro, vá com o Pelé, convide gente de nomeada, pergunte se a Xuxa topa ir com o senhor. Encabele a elite brasileira, reitores, diretores de faculdades de educação, professores emaranhados na burocracia educacional que se pretendem indispensáveis em seus gabinetes, deixe-os encalistrados com a importância que se atribuem, e com o afastamento em que se mantêm do mundo real, e dos detestáveis problemas que os livros não resolvem. O país vai entender o recado e ficará do seu lado.